

5

Análise e discussão dos resultados

Para o tratamento dos dados desta pesquisa utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1997), pretendo descobrir núcleos de sentido que originassem temas para investigação e, sobretudo, identificar no discurso a presença e a frequência de aparição das metáforas conceituais sobre o casamento. Com base nessa técnica, emergiram cinco temas principais, derivados dos aspectos investigados pelo roteiro da entrevista. São eles: *história, motivações, expectativas iniciais/futuras, pontos positivos/negativos e sentimento/manifestações*. Cada tema foi analisado separadamente de modo que fossem identificadas as metáforas conceituais de casamento neles presentes, comparando o discurso de homens e mulheres.

O material obtido pelas entrevistas foi apresentado em falas selecionadas a fim de ilustrar e elucidar as metáforas conceituais apreendidas no discurso dos sujeitos. Utilizando o método de análise do discurso adotado por Quinn (1987), as metáforas conceituais foram analisadas conforme as relações causais entre elas, formadoras de esquemas de significado mais complexos. Constatou-se o encadeamento de proposições metafóricas, que delinearam a construção lógica do raciocínio sobre o casamento para os homens e para as mulheres. Na discussão dos dados, realizou-se a articulação entre os resultados da pesquisa e a literatura sobre casamento.

Posteriormente, realizou-se uma discussão sobre os prolongamentos metafóricos, especulando-se sobre suas possíveis influências no comportamento dos sujeitos. O intuito foi relacionar a metáfora escolhida à concepção de casamento do entrevistado, ressaltando sua atitude e o período em que a relação se encontrava.

5.1

Análise temática

1º tema: *HISTÓRIA DO CASAMENTO*

No primeiro tema, o qual se refere à *história do casamento* dos participantes, as falas foram bastante heterogêneas ilustrando as particularidades de cada percurso. Não foram percebidas metáforas características do discurso feminino ou masculino neste tema. No entanto, percebeu-se a maior frequência da metáfora *casamento é uma ligação* (entre duas pessoas). Nesse sentido, compreende-se ligação como uma conexão física, ideia transmitida por palavras como: laço, vínculo, união, junção.

Os exemplos a seguir transportam o significado de uma ligação do domínio concreto para o domínio abstrato da experiência:

“Fomos ficando mais juntos (...) a gente não perdia o contato.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“A gente ficava muito tempo grudado no começo.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“No início a paixão era tão forte que nos uniu rapidamente. Fomos morar juntos em apenas dois meses.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Começamos a namorar na adolescência, era uma relação mais solta, sem grandes expectativas e responsabilidades.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

Conforme explica Kövecses (2000), as relações humanas são geralmente entendidas como uniões, ligações, vínculos, laços, conexões, entre outros. Vocábulos que transmitem esta ideia estão presentes na linguagem cotidiana, bem como na linguagem científica. Segundo o autor, quanto maior o grau de força e proximidade da ligação entre duas pessoas, maior a garantia de estabilidade e durabilidade da relação entre elas. Quando se fala de um laço apertado ou de um vínculo muito forte, entende-se um relacionamento estável e permanente. Relações interpessoais que envolvam emoção são comumente descritas por essa metáfora.

Em menor frequência, dois homens entrevistados contaram sobre os benefícios mútuos alcançados no casamento. Ambos falam por si mesmos e também em nome do outro cônjuge sobre o que derivou do relacionamento. No primeiro trecho, o sujeito usa a metáfora *casamento é uma viagem* ao destacar os esforços para superar as dificuldades e o aprendizado conquistado por meio delas. Evidenciam-se três proposições sobre o casamento: *casamento é difícil*, *casamento requer esforços* e *casamento traz benefícios mútuos*.

“Atravessamos momentos difíceis e aprendemos com eles.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

No segundo trecho, o entrevistado cita, como benefício, a harmonia e fala do casamento como uma progressão, um desenvolvimento de sucessivas boas experiências:

“A nossa relação sempre nos trouxe muita harmonia e sempre evoluiu positivamente.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Ainda no tema sobre a história do casamento, apareceram uma proposição metafórica e uma metáfora nos discursos dos dois participantes. A primeira é *casamento é desconhecido*. Os cônjuges, por terem pouca idade, não saberiam como seria a relação. A fala abaixo explica a percepção do entrevistado:

“Éramos muito jovens e não sabíamos como tudo seria.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

A metáfora é *casamento é um produto manufaturado, uma máquina*. Nesse caso, o sujeito demonstra esta ideia por intermédio da seguinte afirmativa:

“Eu diria que o nosso relacionamento deu certo, funcionou.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Para Kövecses (2000), a metáfora da máquina compreende a relação interpessoal como sendo funcional ou disfuncional, e, funcionando ou não

funcionando. Um casamento que funciona é aquele que promove satisfação dos cônjuges, resolução de problemas, desenvolvimento pessoal, entre outros. Assim como uma máquina, o casamento precisa durar, ser forte e ter componentes que funcionem bem juntos.

2º tema: *MOTIVAÇÕES PARA O CASAMENTO*

No segundo tema analisado, homens e mulheres apresentaram metáforas específicas em seus discursos, por meio dos quais eles relataram as *motivações* para o seu casamento. Dentre os múltiplos motivos expostos estão: gravidez, realização de projetos comuns, conhecimento mútuo e formação de família.

Os homens usaram a metáfora *casamento é uma viagem* e suas proposições metafóricas *casamento é desconhecido* e *casamento traz benefícios mútuos*. As seguintes falas evidenciam essa preferência:

“Quando ela disse que tava grávida, eu vi que a gente estava no mesmo barco. Então, juntei minhas trouxas e fomos morar juntos. A partir daí, me considero casado,” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Caminhávamos na mesma direção. Tínhamos muita vontade de realizar os projetos comuns.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Num relacionamento a gente nunca conhece a pessoa de início (...) depois, é essencial definir se você pode ir além ou não naquele relacionamento.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Quinn (1987) percebeu maior incidência da metáfora *casamento é uma viagem* no que diz respeito aos seus aspectos negativos. Em suas pesquisas, surgiram expressões que denotavam os obstáculos que foram transpostos ao longo do caminho e os esforços necessários para tal. Contudo, a pesquisadora constatou, em menor frequência, uma perspectiva otimista sobre o casamento por meio dessa metáfora. Motivados por um objetivo compartilhado, os cônjuges buscam uma chegada, um destino único, o que sugere uma nova forma de expressar a ideia de longa duração do casamento.

As mulheres optaram pela metáfora *casamento é uma ligação* para referirem-se às motivações que as fizeram casar, conforme as falas a seguir:

“Ele deu uma prova de que gostava de mim quando se desligou da ex dele. Aí eu decidi casar.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“Era um grude só! Tínhamos vontade de ficar juntos o tempo todo.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Queríamos nos unir para formar uma família.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

As falas destacadas corroboram com as motivações do casal contemporâneo segundo Dias (2000). A autora destaca como razões centrais para o casamento atual fatores psicológicos, intelectuais e sexuais. São aspectos mais relacionados ao desejo interno dos cônjuges do que às motivações externas. Os valores subjetivos teriam maior relevância sobre as tradições sociais e as competências institucionais.

Segundo Zordan, Falcke e Wagner (2009), as circunstâncias que predisõem ao casamento também são majoritariamente compostas por interesses pessoais. São eles: afinidade, segurança emocional, companheirismo e amor. Parece, então, que o maior peso sobre a decisão de unirem-se está mais na vontade dos cônjuges e menos na lei ou na religião.

3º tema: *EXPECTATIVAS SOBRE O CASAMENTO*

No terceiro tema, que se refere às expectativas sobre o casamento, os sujeitos contaram o que esperavam no início, bem como o que esperam para o futuro da relação.

Todos os entrevistados relataram expectativas iniciais bastante positivas sobre o casamento. Os três homens e duas mulheres disseram pretender manter ou aprimorar a relação. Portanto, apenas uma mulher mostrou insatisfação com a vida conjugal, declarando ter optado pela separação.

Os recortes abaixo ilustram a posição da entrevistada, enfatizando as metáforas presentes em seu discurso: *casamento é um produto manufaturado, uma máquina*

“Hoje em dia, dizem que casamento é uma relação não funciona mais. Eu acho que cada um tem que ter o seu para saber (...) Agora, a minha intenção é separar mesmo. Não tem mais conserto.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

A entrevistada também usou a proposição metafórica *casamento é duradouro* para falar sobre o fim de sua relação. Nesse sentido, o casamento deveria durar, mas falhou por não ter durado.

“Nada é perfeito. Nada dura pra sempre.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

Os cinco demais entrevistados elegeram em maior frequência a metáfora *casamento é uma viagem* e suas preposições metafóricas: *casamento é duradouro*, *casamento requer esforços* e *casamento é desconhecido*, conforme explicitado abaixo:

“Parecia que o nosso caminho já estava traçado.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Quem obteve qualquer benefício no casamento e na vida, em geral, deve ajudar os demais a progredir ou a, pelo menos, ultrapassar as dificuldades encontradas.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Éramos tão jovens! Achamos que tudo seria tranqüilo. E um casamento tem turbulências (...) espero que dure a vida toda.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

“Espero manter pra sempre esse relacionamento de sucesso.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

As proposições *casamento requer esforços* e *casamento traz benefícios mútuos* também são características da metáfora *casamento é um investimento, uma relação econômica*. Eis as falas:

“Minhas expectativas são positivas. Vale à pena apostar e investir.”
(Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Eu sabia que íamos receber em dobro as expectativas materiais e emocionais que tínhamos.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Eu queria uma pessoa que eu amasse pra dividir as tristezas, multiplicar as alegrias e constituir uma família feliz.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Assim como o tempo pode ser concebido como dinheiro (LAKOFF & JOHNSON, 1980), o casamento parece um recurso que pode ser investido. As falas dos entrevistados retratam os benefícios derivados das suas relações. Contudo, o investimento aparece como esforços acumulados depositados no cônjuge ou no próprio casamento.

Em um casamento, a interação entre duas pessoas abrange dimensões da emoção, da comunicação, do comportamento, sendo por vezes compreendida como um intercâmbio financeiro. Kövecses (2000) destaca duas possíveis correspondências entre os domínios da metáfora: reciprocidade e equivalência. Tanto as relações amorosas, quanto as relações monetárias, estão supostamente baseadas em certo equilíbrio e igualdade entre as partes. Dessa forma, os cônjuges entendem o relacionamento conjugal como uma relação de dar e receber, no qual, como em um investimento econômico, o benefício está no lucro que ele produz.

Novamente, porém, em menor frequência, a metáfora *casamento é uma ligação* foi percebida no discurso de um sujeito, destacado a seguir:

“Ela me cativou, me prendeu, como se fosse o outro elo.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

É razoável que todos os entrevistados tenham exposto expectativas positivas no início de suas relações. Contudo, alguns deles revelaram ter esperado além do que foi possível obter no casamento. Essa postura inicial dos sujeitos reflete a perspectiva de Féres-Carneiro (1998) sobre o indivíduo contemporâneo. Segundo a autora, as expectativas diante do relacionamento amoroso apresentam-se nos moldes de um ideal inatingível. Portanto, como consequência da idealização, encontra-se a frustração e, muitas vezes, o divórcio.

4º tema: *PONTOS POSITIVOS E PONTOS NEGATIVOS DO CASAMENTO*

De maneira geral, os entrevistados abordaram esse tema, pautados em três proposições fundamentais referidas à metáfora *casamento é uma viagem*. São elas: *casamento é difícil, casamento requer esforços e casamento traz benefícios mútuos*.

Os homens enfatizaram e expuseram grande número de pontos positivos de suas relações. Dentre eles, estão: conversa, entendimento, compreensão, flexibilidade, amor, comprometimento, objetivos comuns, cumplicidade, carinho, harmonia, companheirismo, respeito e aprendizado.

Os pontos negativos apareceram em menor quantidade e os homens ressaltaram sempre haver solução, superação, acordo, consenso. São eles: divergências superáveis, diferenças aceitáveis, cansaço e pouco tempo.

As falas mostram a postura masculina sobre os aspectos bons e ruins do casamento:

“O nosso relacionamento é muito bom (...) a gente conversa muito, tentando entender o que cada um quer até chegar num ponto em comum (...) Ninguém é igual a ninguém, mas a gente se entende. Só de olhar, a gente se entende.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Temos um grande comprometimento mútuo e buscamos objetivos comuns (...) Às vezes sobra pouco tempo pra nós dois. É cansativo, mas conseguimos resolver tudo.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Respeitamos as nossas diferenças, fazendo com que os possíveis defeitos virem diferenças aceitáveis (...) Eu entendo e compreendo as vontades e necessidades dela e é da mesma forma pra mim (...) Seja qual for a questão, a gente se comunica e sempre chega num consenso. Eu não fico avaliando a relação o tempo todo. Eu casei, então aceito ela do jeitinho que ela é, não quero que ela mude. Se mudar, complica. Assim, eu já estou acostumado.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Em contraste com os homens, as mulheres mencionaram menos pontos positivos em suas relações. Falaram de alguns aspectos expostos pelos homens: amor, entendimento, cumplicidade, respeito e aprendizado. Todavia, também aludiram os seguintes pontos: tranquilidade, amizade, união e segurança, como exemplificado abaixo:

“Eu sentia que ele tava do meu lado. Era um relacionamento tranqüilo, a gente se entendia, se dava bem.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“Com a convivência, a gente foi ficando mais unidos, mais amigos. Ele me passa muita segurança.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Temos uma família equilibrada, um casamento bem tranqüilo e de muito carinho.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

No que tange aos pontos negativos, as mulheres fizeram referência a um grande número de aspectos indesejáveis de seus casamentos. Eles apareceram mais do que os pontos positivos ditos por elas, e também, mais do que os pontos negativos ditos pelos homens. No entanto, duas mulheres falaram do esforço realizado para a manutenção da relação. Somente uma entrevistada disse que as dificuldades causaram o término do casamento, não havendo mais possibilidades de solução ou acordo entre os cônjuges. Os pontos negativos apontados por elas foram: objetivos diferentes, falta de comunicação, falta de paixão, problemas, responsabilidades, decepções, dificuldades, abdicação, muitas mudanças e adaptações. Seguem as falas:

“Já não queremos a mesma coisa, nem nos falamos mais.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“A paixão acaba e aparecem alguns problemas e responsabilidades. Mas, com amor e muito diálogo, a gente releva as decepções e continua tentando.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de relação)

“Tive que abrir mão de algumas coisas. É sempre difícil, mas é importante aprender com isso (...) Até hoje acontece de ter que mudar daqui, adaptar dali, mas nos perguntamos sempre se vale a pena.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

A metáfora da viagem, que combina os conceitos de duração, dificuldades encontradas ao longo do caminho e esforços para ultrapassar os obstáculos para o progresso, acarreta também o risco de obter sucesso ou fracasso. As barreiras, os empecilhos, os problemas podem ser intransponíveis e insuperáveis, conduzindo o casamento à falha. Para Quinn (1987), ele é, majoritariamente, compreendido por esse esquema lógico que funcionaria como embasamento de um modelo cultural mais extenso.

Entre os sujeitos entrevistados, as mulheres mostraram maior insatisfação conjugal em comparação com os homens. Apontaram maior número de dificuldades e perceberam menos aspectos favoráveis do que eles. Esse resultado coincide com o comportamento social mais amplo de homens e mulheres no casamento. Como constatou Jablonski (2003), são elas que manifestam maior insatisfação e desejo por transformações na vida conjugal. Atualmente, as mulheres estão mais questionadoras, críticas e contrariadas em suas relações e no julgamento sobre o papel masculino.

Como verificou Féres-Carneiro (2001), os homens são comumente mais acomodados e satisfeitos com o casamento. Essa atitude sugere a vinculação masculina a modelos de relacionamento mais tradicionais.

5º tema: *SENTIMENTO E SUAS MANIFESTAÇÕES NO CASAMENTO*

Sobre o tema sentimento e suas manifestações no casamento, os homens relataram o amor e seus benefícios como sendo o mais importante dentre eles. É necessário ressaltar que o amor apareceu como um sentimento imutável ao longo da relação. Os homens falaram de suas manifestações na comunicação do casal, em diálogos e conversas, como esforços para a manutenção do casamento. Somente um sujeito citou o sexo como manifestação do amor conjugal, usando a metáfora *amor é sexo*.

As falas abaixo se referem a esse tema e contêm como principais proposições metafóricas: *casamento requer esforços* e *casamento traz benefícios mútuos*.

“O sentimento é a mesma coisa. É muito amor, carinho (...) Conversamos muito e não escondemos nada um do outro (...) Olha, quando dá, a gente faz até um sexo, mas, quando não dá, a gente fica de beijinho e abraço.”
(Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Eu sempre tive certeza do que sinto por ela (...) Nos amamos profundamente. Nos respeitamos e buscamos entendimento em nossas conversas.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Eu acho que o amor não cessa, ele é eterno (...) É você querer bem, se sensibilizar com o outro, ouvir, planejar junto (...) É essa a evolução do amor, a cumplicidade, a satisfação plena das necessidades (...) Um casamento requer sacrifício, aceitação, inovação.” (Homem 3, 40 anos, 18 anos de casamento)

As mulheres também falaram do amor com bastante frequência. Porém, segundo elas, o sentimento inicial sofreu transformações desde o início até a atualidade da relação. As três entrevistadas usaram em seus discursos a metáfora *saber é ver*, culminando na proposição metafórica *casamento é desconhecido*. Os discursos estão expostos a seguir:

“Era amor, mas com briga atrás de briga, não existe mais nada (...) Eu tava tão cega pra ter a minha casa e ter um filho, que não enxerguei que morar com a sogra não ia dar certo.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“No início eu o amava cegamente, não tinha olhos pra mais ninguém (...) Estava certa que ele era o homem da minha vida e tudo seria perfeito (...) Hoje o amor existe, mas parece estar adormecido, só se manifesta em algumas circunstâncias (...) com carinho, beijo, presentinhos...” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Amor. Bom, dizem que o amor é cego, né? Mas, com o tempo, a gente enxerga tudo com mais clareza (...) Hoje, temos muito carinho, companheirismo, união e apoio. Nos tratamos bem, com respeito.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

A metáfora *saber é ver*, descrita por Lakoff e Johnson (1980), explica como compreendemos o domínio-alvo *saber* por meio do domínio-fonte *ver*. É claro que, através dos nossos olhos, percebemos muito do mundo a nossa volta. Porém, o sentido da visão passa a ter um significado metafórico mais abrangente. Nesse caso, a função dos olhos de ver, olhar, enxergar, observar, é entendida por saber, perceber, conhecer, compreender. Então, a falta da visão, estar cego, significa ignorar, não saber, desconhecer.

Ao usarem essa metáfora, as entrevistadas referiram-se ao casamento como desconhecido inicialmente. Elas disseram não saber como seria a relação conjugal e, por isso, criaram expectativas que não foram atingidas. O desconhecimento do princípio causou a redução de benefícios e o aumento das dificuldades no relacionamento. Antes de casarem-se, as mulheres parecem ter desconsiderado a possibilidade de desentendimentos, enganos e problemas com o parceiro.

Esse resultado ratifica o encontrado por Jablonski (2005) em pesquisas com jovens solteiros sobre seus projetos de casamento nos anos de 1986, 1993 e 2003. O amor emergiu como aspecto essencial para a relação conjugal. Porém, ele aparece como um sentimento idealizado, principalmente pelas mulheres,

indicando que os entrevistados parecem ignorar outros elementos que compõem um relacionamento e podem provocar desentendimentos e problemas futuros.

O pesquisador reforça que o amor conjugal opera nos moldes do amor-paixão, um sentimento idealizado e arrebatador que tende a transformar-se diante da rotina dos cônjuges. A mudança percebida pelas mulheres entrevistadas sugere a modificação do amor-paixão em amor-companheiro, o afeto mais terno e duradouro, conquistado com o tempo de casamento. Segundo Jablonski (1991), ela pode ser compreendida negativamente, conduzindo à insatisfação e ao rompimento do casal.

5.2

Esquemas de proposições metafóricas

Os entrevistados falaram sobre seus casamentos, respondendo a diversos questionamentos sobre eles. No entanto, foi possível constatar pela análise dos temas que eles fizeram uso de um número restrito de proposições metafóricas. Segundo Quinn (1987), as proposições, organizadas duas a duas de forma causal, constituem esquemas de raciocínio sobre o casamento. A seguir, serão analisadas as articulações entre os esquemas proposicionais a fim de encontrar um modelo de relação conjugal mais recorrente entre os sujeitos.

A duração, os benefícios e as dificuldades conjugais foram entendidos como proposições que compõem os esquemas metafóricos. Algumas das falas analisadas nos temas anteriores serão revistas nos esquemas dos quais fazem parte.

Sobre o sentimento no começo do casamento, as mulheres usaram a metáfora *saber é ver* para falar do seu desconhecimento inicial acerca da relação e do cônjuge. Se não é possível ver, não será possível desvendar o que se quer e o que o outro quer. Elas pareceram insatisfeitas e frustradas em suas expectativas iniciais:

“Eu tava tão cega pra ter a minha casa e ter um filho, que não enxerguei que morar com a sogra não ia dar certo.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“No início eu o amava cegamente, não tinha olhos pra mais ninguém.”
(Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Amor. Bom, dizem que o amor é cego, né? Mas, com o tempo, a gente enxerga tudo com mais clareza.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

Ao contarem sobre a história e as motivações para o casamento, dois homens também desenvolveram o mesmo raciocínio na metáfora *casamento é desconhecido*:

“Éramos muito jovens e não sabíamos como tudo seria.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Num relacionamento a gente nunca conhece a pessoa de início (...).”
(Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

Assim, se não há visão, há falhas e enganos na relação, o que equivale dizer que os cônjuges não terão os benefícios mútuos esperados no casamento. O esquema de proposições pode ser descrito da seguinte forma:

desconhecido => não traz benefícios mútuos

Tudo aquilo que estava fora do alcance da visão, o que não foi previsto, transformou-se em dificuldades. Seriam os pontos negativos, muitas vezes gerados pela falta de percepção sobre as necessidades do outro. Um casamento que não traz satisfação, benefícios, torna-se uma relação difícil. Portanto, o próximo esquema de proposições identificado é:

não traz benefícios mútuos => é difícil

Sobre a história do seu casamento, um homem reconheceu as dificuldades:

“Atravessamos momentos difíceis (...).” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

Abaixo, os sujeitos identificaram quais foram as dificuldades em seus casamentos:

“Às vezes sobra pouco tempo pra nós dois. É cansativo (...).” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“Já não queremos a mesma coisa, nem nos falamos mais.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

“A paixão acaba e aparecem alguns problemas e responsabilidades (...).” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de relação)

“Tive que abrir mão de algumas coisas. É sempre difícil (...).” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

Dentre os seis entrevistados, somente uma pessoa expressou ter optado pela separação, justificando que as dificuldades ignoradas no início do casamento levaram à sua dissolução. A relação entre as dificuldades de um casamento e o seu término sugere o seguinte esquema:

é difícil => não é duradouro

Colocando os esquemas de proposições metafóricas em uma sequência, forma-se uma cadeia articulada de argumentos que revela o raciocínio sobre o casamento presente no discurso dos entrevistados. Ainda que eles não tenham explicitado cada segmento em suas falas, eles precisam ser considerados para entender como a lógica do pensamento foi estruturada. A sequência pode ser resumida dessa maneira:

desconhecido => não traz benefícios mútuos

não traz benefícios mútuos => é difícil

é difícil => não é duradouro

desconhecido => não é duradouro

A relação direta entre o desconhecimento inicial e o fim do casamento pode ser feita ao omitir os demais argumentos, mas quando discriminados, indicam como o raciocínio sobre o casamento foi construído. Outras conexões também podem ser feitas, como:

desconhecido => é difícil

não traz benefícios mútuos => não é duradouro

Contudo, apesar da cadeia de argumentos fazer sentido, a imprevisibilidade e as dificuldades estão presentes em toda relação, e, nem por isso, elas terminam ou não são duradouras. De fato, cinco entrevistados mantêm o casamento, não obstante as dificuldades por eles relatadas.

Uma proposição deve ser inserida no discurso para que a contradição possa ser respondida:

casamento requer esforços

Problemas e dificuldades a serem solucionados, entendidos como obstáculos a serem transpostos, precisam de esforço para que o casamento possa seguir em frente. O trabalho de superação causaria, então, a maior duração da vida conjugal e traria mais benefícios mútuos aos cônjuges. Os esquemas proposicionais seriam:

requer esforços => duradouro

duradouro => traz benefícios mútuos

A maioria dos sujeitos entrevistados identificou na comunicação, na conversa, no diálogo, o maior esforço para ultrapassar as dificuldades no casamento. Eles valorizaram, também, o aprendizado que decorre desse processo:

“Atravessamos momentos difíceis e aprendemos com eles.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

“A gente conversa muito, tentando entender o que cada um quer até chegar num ponto em comum.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Seja qual for a questão, a gente se comunica e sempre chega num consenso.” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

“A paixão acaba e aparecem alguns problemas e responsabilidades. Mas, com amor e muito diálogo, a gente releva as decepções e continua tentando.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de relação)

“Tive que abrir mão de algumas coisas. É sempre difícil, mas é importante aprender com isso.” (Mulher 3, 47 anos, 25 anos de casamento)

Em suma, a cadeia de esquemas revela a forma do discurso dos entrevistados, contando como eles compreendem o seu casamento. Embora ninguém soubesse exatamente como seria a relação em que havia embarcado, todos mostraram fortes expectativas iniciais. De forma geral, esperavam que o casamento fosse um relacionamento duradouro o qual trouxesse benefícios mútuos aos cônjuges. Entretanto, perceberam que os benefícios esperados não aconteceriam espontaneamente. Seria preciso muito empenho na solução de dificuldades, tanto para alcançar esses benefícios, quanto para fazer o casamento durar. Ser bem sucedido na vida conjugal seria, portanto, uma questão de esforço.

A forma dos esquemas foi recorrente, porém, em algumas entrevistas, nem todos eles foram explicitados, bem como a sua relação de causalidade. Talvez os participantes da pesquisa tenham suposto que a entrevistadora compartilhasse do seu entendimento sobre o casamento. Parecia subentendido que a falta de benefícios mútuos traz dificuldades à relação e esforços são necessários para transpô-las.

Todavia, foi indispensável considerar as variações do conteúdo dos esquemas de proposições, sobretudo as diferenças entre homens e mulheres. As

expectativas, as motivações, os sentimentos, os benefícios e as dificuldades descritas pelos sujeitos foram múltiplos, mas foi possível delinear peculiaridades na fala de homens e de mulheres.

De modo geral, as mulheres expuseram uma visão mais frustrante sobre o casamento, apresentando mais dificuldades e menos benefícios em comparação com os homens. Em suas falas, destacaram-se uma desilusão emocional em contraste aos sentimentos e expectativas iniciais, e, maior desejo e esforço em prol de melhorias na relação. Elas mostraram maior insatisfação conjugal por meio de seu discurso, destacando que o grande esforço reside em comunicar as próprias necessidades e satisfazer as necessidades do outro. Mesmo compreendendo o que o parceiro quer, elas falam da dificuldade em renunciar às próprias vontades para atender aos anseios do marido.

Segundo Quinn (1987), os benefícios conjugais são comumente entendidos como o suprimento de necessidades que depende do outro, como: amor, companheirismo, sexo, compreensão, apoio. Porém, outros requisitos se fazem imperativos, como: intimidade emocional, proximidade física, coordenação das atividades domésticas diárias. No entanto, as necessidades individuais e as capacidades em satisfazê-las são díspares e irão se desencontrar muitas vezes. E mais, os cônjuges podem desenvolver e descobrir novas necessidades e capacidades ao longo de um casamento.

Os homens, em contrapartida, expuseram mais benefícios e menos dificuldades em seus casamentos. Não mostraram grande desejo de mudança, dizendo estarem satisfeitos em suas expectativas iniciais e ressaltando a estabilidade do sentimento em relação às companheiras. Eles relataram uma certa facilidade de comunicação para superar as adversidades da vida conjugal, contando que não são necessários muitos esforços para tal.

Homens e mulheres percorreram dois esquemas de raciocínio diversos sobre a vivência o casamento:

Mulheres:

mais expectativas => menos benefícios => mais dificuldades => mais esforços

Homens:

menos expectativas => mais benefícios => menos dificuldades => menos esforços

As diferenças entre homens e mulheres percebidas no discurso dos entrevistados legitimam a literatura que aborda as questões de gênero no casamento contemporâneo. Embora tenha havido modificações nos modelos de casamento, principalmente no que diz respeito ao papel feminino, promovendo maior equilíbrio de funções e menor assimetria entre os gêneros (HEILBORN, 2004), a igualdade permanece como ideal.

Na concepção de Jacobs (2004), o que acontece é uma confusão de expectativas sobre as tarefas a serem incumbidas ao homem e à mulher. Os casais não sabem ao certo se seguem padrões antigos ou novos de casamento, acabando por projetar todas as qualidades desejadas no parceiro amoroso. A impossibilidade em realizar a idealização causa alta frustração no relacionamento. Como as mulheres evidenciaram esperar mais do marido e do casamento, naturalmente, foram as mais desapontadas dos entrevistados.

Mesmo desapontadas, a maioria das mulheres continua casada na medida em que seus esforços ocasionem benefícios aguardados. Assim como o constatado por Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), os benefícios citados pelas mulheres foram amor, união, cumplicidade e, sobretudo, o empenho mútuo para a manutenção da relação. Homens e mulheres parecem concordar sobre esse quesito, reconhecendo que o casamento precisa do trabalho em conjunto, colaborando para a qualidade conjugal.

Confrontadas com a perda do ideal romântico e aceitando o fim da potente paixão dos primórdios do casamento, as mulheres entrevistadas demarcaram, desiludidas, a diferença entre o que desejavam e o que vivenciam em suas relações conjugais. A mesma atitude foi encontrada por Dias (2000). As mulheres de sua pesquisa mostraram conformação em superar os problemas cotidianos e a falta do apaixonamento inicial. No entanto, também apresentaram certa melancolia ao contarem ter tido que abrir mão da idealização amorosa.

Talvez por isso, as mulheres mantenham um sentimento de esperança sobre as mudanças na relação e no comportamento masculino. Elas disseram esforçarem-se para tanto, recusando uma posição de conformação ante as dificuldades e problemas por elas percebidos. Para Dias (2000), são elas que

manifestam maior vontade de manter a relação amorosa prazerosa para ambos os cônjuges.

A autora ressalta que, tendo em vista tamanho empenho e dedicação ao marido e aos filhos, as mulheres arriscam-se em perder os limites de sua individualidade. Elas parecem viver um conflito, no qual desejam seus espaços pessoais, mas privilegiam a integração e a intimidade conjugal e familiar.

Portanto, como confirmam Garcia e Tessara (2001), por não libertarem-se totalmente do ideal do amor romântico que valoriza a durabilidade, a exclusividade e a intimidade, a maioria das mulheres permanece inconformada e até infeliz nas relações contemporâneas. Elas continuam ambicionando o impossível e presumem solucionar todas as dificuldades conjugais até que sejam extintas. Parece que somente assim, o relacionamento conjugal poderá ser duradouro e estável.

Em contrapartida, os homens não apresentaram anseio ou atitude para mudanças no casamento. Na visão de Jablonski (1995), os progressos sociais ligados às mulheres, como o movimento feminista, a revolução tecnológica, a liberdade sexual, a entrada no mercado de trabalho e na política, os casamentos tardios, a redução da prole, etc, retiraram o homem de um lugar de poder e estabilidade nas relações amorosas. Eles encontraram-se perdidos e passaram a ser compelidos a reavaliar seus papéis na vida conjugal e familiar. Todavia, o autor salienta que persiste uma dificuldade masculina em acolher essas mudanças, como tendência a manter padrões tradicionais de casamento.

5.3

Considerações sobre as metáforas do casamento e seus prolongamentos

Além das metáforas e das proposições metafóricas analisadas, foram percebidas outras elaborações metafóricas que serão aqui discutidas. Elas apareceram em baixa frequência e não exerceram influência significativa no corpo discursivo geral, bem como na demarcação de diferenças entre os gêneros. Ainda assim, as metáforas menos usadas podem ser contempladas com base nas entrevistas das quais emergiram, originando algumas importantes reflexões e sugerindo novos questionamentos para futuras pesquisas sobre esse tema.

Compreendendo que as metáforas não somente tornam o discurso ou o pensamento mais adornados e interessantes, mas embasam a nossa percepção do mundo, entender o seu significado e os seus desdobramentos é entender como vivemos e nos comportamos. Segundo Lakoff e Johnson (1980), os desdobramentos de uma metáfora conceitual são as inferências que podemos fazer a partir dos mapeamentos metafóricos. Conceber o casamento como a fusão de duas partes, o encontro com a alma gêmea, um contrato de interesses, um trabalho em equipe, entre outras possibilidades, acarretará diferentes expectativas, problemas e soluções para a relação em questão. Cada cônjuge irá experienciar o modelo de casamento que construiu, vivenciando as metáforas no presente e delineando, por meio delas, o futuro do relacionamento.

Conforme foi visto, ao pensar no casamento com altas expectativas, como uma ligação perfeita, um encaixe de peças complementares, uma máquina que funciona sem defeitos, um investimento que só dá lucros ou uma viagem sem empecilhos, pode causar muita frustração diante das dificuldades encontradas. Portanto, as metáforas do casamento que aparecem no discurso funcionam como um ideal que determinará o pensamento e a ação dos indivíduos em suas relações.

Como narra o ditado popular “ninguém casa pensando em se separar”, é interessante observar quais as metáforas e imagens metafóricas escolhidas pelos sujeitos para falarem sobre o início e sobre a atualidade dos seus casamentos. A seguir estão dispostas algumas falas ilustrativas:

“Construir uma relação sólida (...)” (Homem 3, 40 anos, 15 anos de casamento)

“Um sentimento mais consistente (...) não é abalado facilmente.” (Mulher 2, 37 anos, 18 anos de casamento)

“Era um amor forte e seguro (...) foi aí que abalou tudo (...) desabou tudo (...) um vaso quebrado, que você pode até colar os cacos, mas nunca mais vai ser o mesmo.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

Os trechos acima se referem à metáfora conceitual *casamento é objeto quebrável*. O domínio-fonte *objeto quebrável* é explorado por Lakoff e Johnson

(1980) por meio da metáfora *mind is a brittle object*, como algo que pode ser forte ou frágil, que precisa de certo cuidado e proteção para não quebrar. Solidez e consistência são qualidades do domínio concreto da experiência, que significam também a relação amorosa como algo que resiste à passagem do tempo e aos eventos que possam pô-la em risco. O homem 3 e a mulher 2 usam essa metáfora para descrever, de modo positivo, um casamento estável e permanente. A mulher 1 também usa as palavras forte e seguro para referir-se ao início do seu casamento, mas o compara a um vaso, objeto delicado e passível de ser quebrado facilmente, para relatar o momento atual da relação no qual aspira à separação.

O aspecto relevante a ser considerado é que a entrevistada mantém a mesma metáfora para falar de dois períodos distintos, envolvendo emoções e comportamentos também diferentes. É quase improvável que ela optasse pela imagem de um vaso para entender o relacionamento quando decidiu se casar. Ou então, que escolha a imagem de um objeto resistente para tratar da situação conjugal presente. Segundo a mulher, alguns acontecimentos foram responsáveis pelo abalo e pelo desabamento do seu casamento, então, ela define a imagem de um vaso quebrado para designar a relação atualmente. A partir dessa imagem, a mulher afirmou desconsiderar qualquer possibilidade de continuar casada. Um vaso quebrado, mesmo tendo os pedaços colados, de fato não será o mesmo. Na experiência cotidiana costuma-se jogar fora objetos que quebram, como um copo de vidro ou um vaso de porcelana. Transformam-se em artigos obsoletos e sem valor algum. No entanto, os cacos de um vaso poderiam ser novamente levados ao forno, serem fundidos em alta temperatura e servirem de matéria-prima para um novo e, talvez, mais belo e colorido vaso.

No trabalho clínico, o terapeuta pode encontrar nas metáforas do próprio paciente uma ferramenta para abrir novas possibilidades de ação na vida. Fazer especulações dentro da metáfora usada sobre o casamento permite ampliar a percepção acerca da situação vivenciada. A metáfora do vaso quebrado, de início, parece fechar qualquer possibilidade de reconciliação conjugal. Contudo, novos caminhos metafóricos podem apontar para novas saídas e resoluções de questões individuais e conjugais.

A mesma entrevistada ainda elegeu outra metáfora conceitual para descrever o término da sua relação conjugal: *casamento é guerra*, como ilustra a fala abaixo.

“Eu vivo num campo de batalha.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

Nesse contexto, a mulher subentende que ela e o parceiro são como exércitos inimigos com interesses e objetivos distintos. Os confrontos entre eles acontecem por meio de brigas e discussões que têm por finalidade garantir que somente um saia vitorioso, mas ambos sairão feridos e prejudicados. O fim da guerra parece coincidir com o término do casamento, sem deixar qualquer oportunidade de reconciliação entre as duas partes envolvidas.

A metáfora *casamento é uma cultura*, no sentido de cultivo, de plantação, foi identificada no discurso de um sujeito:

“O casamento precisa ser cultivado.” (Homem 2, 50 anos, 25 anos de casamento)

Essa concepção sobre os relacionamentos conjugais é de caráter bastante prosaico, sendo percebida em sentenças como “O nosso casamento deu belos frutos”; “Quando casamos, o nosso amor floresceu ainda mais”; “Temos uma relação bem madura”. Isso implica em dizer que o casamento é significado como uma semente cultivada, da qual se pressupõe que brotem flores e frutos, que seriam futuramente colhidos. Nessa perspectiva, configura-se um período de tempo entre o início da relação amorosa, acompanhado de uma expectativa, até o sucesso posterior, representado pelo crescimento e desenvolvimento da semente. Portanto, cabe aqui especular quais seriam os possíveis desdobramentos dessa ideia, por exemplo: as pessoas que vivem essa metáfora acabam sacrificando-se mais pela relação, acreditando que colherão os frutos no futuro?

Dois sujeitos empregaram metáforas conceituais ao falarem sobre seus cônjuges durante a entrevista. Apesar de não referirem-se especificamente ao casamento, elas merecem alguma atenção na medida em que certamente influenciam a relação conjugal. São elas: *a esposa é o termômetro do casamento* e *o marido é um menino*, respectivamente destacadas nos recortes a seguir:

“O maior esforço sempre parte dela, ela é o termômetro mesmo, ela é sensacional.” (Homem 1, 50 anos, 24 anos de casamento)

“Ele regrediu, virou um menino de novo.” (Mulher 1, 45 anos, 17 anos de casamento)

Na primeira fala, o sujeito identifica sua parceira como o termômetro do relacionamento, aquela que regula e sinaliza quando ele está frio ou quente. Nesse sentido, é possível entender a temperatura como os afetos sentidos no casamento. Por exemplo, quando o casal está mais apaixonado, a temperatura aumenta, esquentando a relação. Na visão do marido, a esposa parece ter o controle sobre a relação. Ele entende de forma positiva a posição ocupada pela mulher, entregando a ela a responsabilidade integral sobre o sucesso do casamento. Contudo, se esse fracassar, ela provavelmente também será responsabilizada.

No segundo fragmento, a entrevistada refere-se ao seu marido como um menino, privilegiando os aspectos sobre a dependência materna e a imaturidade. Ela vive a metáfora e precisará lidar com as suas consequências. Um menino cresce, amadurece e vira um homem. Tomada por essa expectativa, a mulher pode manter-se casada por acreditar que ele irá mudar, ou, até adquirir uma postura materna, assumindo o encargo e recebendo os méritos de tal transformação. Em uma perspectiva menos otimista, ela pode ainda perpetuar o comportamento do cônjuge ao identificar-se com esse papel. Ambos acabam reforçando a metáfora, ainda que estejam insatisfeitos com suas consequências.

Na clínica, caberia ao terapeuta perceber a identificação dos papéis pelos cônjuges de modo a não reforçá-los. Seria interessante trabalhar a metáfora, porém, sem aceitar as projeções. Concordar que o marido seja imaturo ou um menino significaria assumir a postura da esposa, colocando-o novamente em uma posição de menos experiência, conhecimento e responsabilidades.

Assim sendo, cabe questionar em que medida e contexto, emoções e atitudes individuais derivam da adoção de determinadas metáforas conceituais. É claro que os entrevistados não conceitualizaram o casamento por meio de uma metáfora apenas, mas em alguns momentos, pareciam selecionar uma expressão metafórica específica como norte do seu pensamento e comportamento.